

**VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO TRABALHO
O TRABALHO NO SÉCULO XXI. MUDANÇAS, IMPACTOS E
PERSPECTIVAS**

São Paulo, 2 a 5 de Julho de 2012

**GT 06 – SUBCONTRATAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE TRABALHADORES
PRECÁRIOS**

<p>OS INTERMEDIÁRIOS NO MERCADO DE TRABALHO: QUAL O LUGAR DO BRASIL FRENTE A RECENTES TENDÊNCIAS INTERNACIONAIS?</p>

Nadya ARAUJO GUIMARÃES

Doutora em Sociologia, Professora Titular da Universidade de São Paulo/DS e
Pesquisadora do CNPq no Centro de Estudos da Metrópole/INCT

E-mail: nadya@usp.br

Flavia Luciane CONSONI

Doutora em Política Científica e Tecnológica, Professora da Universidade de
Campinas/DPCT e Pesquisadora Associada ao Centro de Estudos da Metrópole/INCT

E-mail: flavia.consoni@gmail.com

Jonas Tomazi BICEV

Mestre em Sociologia, Pesquisador Junior associado ao Centro de Estudos da
Metrópole/INCT

E-mail: jonas.bicev@yahoo.com.br

OS INTERMEDIÁRIOS NO MERCADO DE TRABALHO: QUAL O LUGAR DO BRASIL FRENTE A RECENTES TENDÊNCIAS INTERNACIONAIS?

Nadya ARAUJO GUIMARÃES

Flavia Luciane CONSONI

Jonas Tomazi BICEV

RESUMO SIMPLES:

Estudos anteriores demonstraram que a recente expansão dos empregos no Brasil, destacável por ter lugar numa conjuntura internacional de forte encolhimento de oportunidades, está associada a uma crescente comodificação da procura de trabalho e dos mecanismos de recrutamento no país. Tal tendência transparece em estatísticas internacionais nas quais o Brasil, ao lado do México e da África do Sul, tem se revelado um ator estratégico no segmento do negócio do trabalho produzido através de intermediadores (agencias de emprego, empresas de trabalho temporário). Esse movimento reflete mudanças importantes na divisão internacional das responsabilidades no setor. Na comunicação pretendemos caracterizar tal cenário a partir de dados da International Confederation of Private Employment Agencies (2008 a 2010). Em seguida vamos ilustrar como tal processo tem transcorrido à luz do caso brasileiro, recorrendo a estatísticas governamentais (RAIS/MTE), a *survey* com trabalhadores e a entrevistas com gerentes de empresas intermediadoras.

RESUMO EXPANDIDO:

Objeto:

Estudos anteriores demonstraram que a recente expansão dos empregos formalmente protegidos, no Brasil, destacável por estar tendo lugar numa conjuntura internacional de encolhimento de oportunidades ocupacionais, está associada a uma crescente comodificação da procura de trabalho e dos mecanismos de recrutamento no país. Tal tendência transparece em recentes estatísticas comparativas internacionais nas quais o Brasil, ao lado do México e da África do Sul, tem se revelado um ator estratégico no segmento do negócio do trabalho produzido através de intermediadores (agencias de emprego, empresas de trabalho temporário), ombreando com países tradicionalmente destacados pela literatura como UK, Espanha, Holanda, Estados Unidos e Japão.

Nesse movimento se exprimem reconfigurações recentes da oferta de oportunidades de emprego, notadamente no que respeita aos trabalhadores mais jovens, num contexto de expansão da escolaridade. Mas ele reflete, igualmente, mudanças importantes na divisão internacional das responsabilidades no provimento de empregos temporários. Nesta comunicação pretendemos lidar com este cenário, caracterizando-o de maneira detida.

Objetivos:

São dois os objetivos principais da comunicação.

Em primeiro lugar, caracterizar as principais tendências desse movimento de reconfiguração na divisão internacional das responsabilidades no provimento dos empregos temporários, gerados via intermediadores (agencias de emprego e empresas de trabalho temporário).

Em segundo lugar, tomar um caso significativo – o Brasil – para mostrar como tal movimento tem tido lugar, seja do ponto de vista da constituição de um novo segmento destacável na atividade econômica e no mercado de trabalho, seja do ponto de vista do perfil e percepções dos atores principais, a saber, os trabalhadores intermediados e as gerencias das empresas de intermediação.

Metodologia:

Para alcançar o primeiro objetivo – caracterizar o processo de reconfiguração da divisão internacional no provimento dos empregos temporários - adotaremos uma perspectiva comparativa, baseada em dados das enquetes anuais conduzidas pela International Confederation of Private Employment Agencies. Vamos nos centrar nos anos mais recentes, 2008 a 2010, de maneira a identificar tendências nacionais no que concerne: (i) à expansão dos negócios, (ii) ao perfil da força de trabalho ocupada através de intermediários, (iii) e às características das políticas de gestão neste segmento.

Para alcançar o segundo objetivo – ilustrar como tal movimento tem lugar numa realidade social significativa - usaremos informação mais detalhada sobre o caso brasileiro, de maneira a evidenciar (i) como tem sido produzido um novo e pujante segmento econômico, (ii) o qual estabelece uma forma de governança mercantil sobre a circulação do trabalho, num tecido social até aqui dominado pela força dos laços pessoais no processo de procurar e de obter emprego, (iii) de sorte a impulsionar a expansão de novas relações de emprego – relações de tipo intermediado – num ritmo ainda mais acelerado que o notável crescimento do emprego formalmente protegido que tem tido lugar no Brasil nos anos recentes. Para tal recorreremos três tipos de fontes de dados. Em primeiro lugar, a estatísticas governamentais produzidas pelo Ministério do Trabalho e do Emprego, através de um banco de dados de caráter censitário que recobre e caracteriza os estabelecimentos voltados à intermediação de trabalho (a RAIS/MTE, em suas versões transversal e longitudinal). Em segundo lugar, a resultados de um *survey* conduzido junto a trabalhadores em procura de emprego em agências na região metropolitana de São Paulo, o maior mercado de trabalho intermediado no Brasil; o levantamento de dados teve lugar em 2004, numa amostra representativa das empresas (governamentais, sindicais e privadas) atuantes no setor e entrevistou 1504 trabalhadores de maneira a destacar suas características de perfil, sua trajetória ocupacional, suas iniciativas de formação profissional, bem como as suas percepções com respeito à procura de trabalho e aos intermediadores de trabalho. Em terceiro lugar, entrevistas abertas com gerentes de empresas intermediadoras, pelas quais se buscou caracterizar a trajetória de algumas das mais importantes firmas atuantes no setor, as percepções e expectativas dos seus gerentes com respeito a formas de competição, de regulação e mudanças em curso no segmento.

Resultados:

A comunicação estruturará os resultados ao redor de quatro seções principais:

- (i) revisão da literatura,
- (ii) caracterização da dinâmica internacional e do lugar que nela ocupa o Brasil,
- (iii) caracterização da dinâmica empresarial brasileira neste recente movimento de expansão dos intermediadores no mercado de trabalho do país
- (iv) caracterização do impacto destes no movimento do emprego e no perfil da força de trabalho ocupada

Antecipamos, em seguida, e de modo resumido, alguns dos resultados que serão desenvolvidos em cada uma dessas quatro seções.

Particularmente nas duas últimas décadas, o segmento do trabalho temporário e terceirizado tem vivenciado um crescimento espetacular, de forma a tornar cada vez mais visível as atividades dessas empresas. A par do crescimento, está em curso um movimento voltado a internacionalização. Empresas de origem européia como a Randstat Holding (Holanda) e a Adecco (Suíça), assim como as norte-americanas, Manpower e Kelly, por exemplo, encontram-se estabelecidas em dezenas de países, incluindo o Brasil, além de forte presença na maior parte dos países membros da OCDE (Burgess 2005).

Em sintonia com esse movimento, a literatura internacional que aborda o tema dos intermediários no mercado de trabalho tem acumulado um volume significativo de produção e reflexão sobre tal atividade. Um esforço em classificar essa produção tende a separar, de um lado, as reflexões que buscam entender quem são e como atuam as empresas que agem como intermediárias no mercado de trabalho (Peck e Theodore, 1999; Forde, 2008). De outro lado, temos os estudos sobre os trabalhadores, sujeitos a tais vínculos de emprego (Murtough e Waite, 2000; Burgess e Connell, 2004; Burgess 2005). Toda essa literatura, no entanto, ainda é pautada por indefinições. Segundo Kalleberg (2000), o nosso entendimento acerca do mercado de intermediação de mão-de-obra tem sido dificultado por definições inconsistentes, medidas frequentemente inadequadas e escassez de pesquisas comparativas. Poder-se-ia dizer que, parte em decorrência da ausência de estudos mais abrangentes e diversificados sobre o mercado de intermediação, múltiplas polarizações tenderam a se estabelecer no debate, envolvendo abordagens focadas nas empresas e outras focalizadas nos trabalhadores.

Do ponto de vista das empresas, Peck e Theodore (1999), com base em um estudo centrado em Chicago, defendem a tese de polarização no mercado de trabalho temporário nos EUA. Não obstante a heterogeneidade presente nesse segmento, duas realidades puderam ser identificadas. Por um lado, esse segmento de atividades encontra-se marcado pela presença de agências pequenas, de proprietários locais, movidas pela lógica de redução de custos já que atendem a mercados sensíveis a preço, com predomínio de trabalhadores com baixa qualificação profissional, tendo como clientes sobretudo o setor da indústria leve (embalagem, montagem, transporte de materiais e operações de máquinas). Como configurando uma realidade oposta, há um segundo grupo de empresas, de maior porte e que mantém relações mais estáveis e contratuais com seus clientes, oferecendo a eles serviços mais seletivos e diferenciados.

Da perspectiva dos trabalhadores, sujeitos centrais desse setor de atividade, as referências internacionais também têm sido polarizadas, estando largamente inclinadas a abordar o tema dos contratos externos de trabalho a partir da sua comparação com os empregos do tipo tradicional. O que implica dizer que, nesse último caso, os trabalhadores com vínculos de emprego do tipo padrão conformam uma categoria de emprego dito estável, sem prazo de contrato determinado, de tempo integral, regulamentado, com condições de trabalho adequadas e com cobertura e direitos trabalhistas assegurados. Muito em função do caráter transitório que tende a caracterizar os vínculos de empregos dos terceiros e temporários, as abordagens que daí derivam freqüentemente os qualificam como engrossando o contingente dos trabalhos periféricos, precários, de baixa qualificação e mal remunerados, com o predomínio de relações hipermercantilizadas, e que compartilham um sentimento de insegurança e de incerteza quanto ao aspecto futuro de sua empregabilidade.

Análises que se sustentam em dados agregados sobre estrutura de mercado tendem a reforçar essa polaridade, uma vez que os trabalhos de melhor qualificação, por ainda serem minoria entre essas modalidades de vínculos de emprego, pouco aparecem nas estatísticas disponíveis. Corrobora tal posição o fato de haver uma evidente escassez de análises empíricas com foco nas ocupações mais qualificadas e que se utilizam de amostras grandes e representativas, o que leva a um entendimento incompleto do fenômeno (Kalleberg e Marsden, 2005).

Cabe, nesse sentido, investigar mais detidamente o perfil dos trabalhadores que circulam no mercado através das empresas de intermediação de mão-de-obra, posto termos evidências importantes de que altera-se tal perfil e de que esta avança para atividades que são *core* para as empresas usuárias. São vários os estudos que se dedicam a investigar, teoricamente e empiricamente, essa questão, tais como: Matusik e Hill (1998); Grann e Schenell (2001); Kunda, Barley e Evans (2002); Nesheim (2003); Kalleberg e Marsden, 2005; Nesheim, Kalleberg e Olsen (2005). Esses achados, relatados pela literatura internacional, ao discutir o avanço de profissionais com vínculos de trabalho temporário ou terceirizado em atividades que são centrais para a empresa contratante, apontam também para o fato de que a intermediação da mão-de-obra, que ocorre sob responsabilidade de um terceiro agente do mercado de trabalho, têm alcançado igualmente funções de maior qualificação. O que sugere que as fronteiras para esse tipo de atividade podem estar se deslocando.

No que concerne ao contexto brasileiro, o recurso aos dados agregados apontou que esse segmento de atividades tem vivenciado pelo menos dois importantes movimentos: primeiro, uma elevação significativa dos graus de escolaridade, com a predominância que chega a quase 10% de profissionais com curso superior, concluído ou não. Segundo, revelou o quão diverso e complexo pode ser a atividade intermediada por essas empresas, se considerarmos a abrangência e diversificação das ocupações que elas intermediam, seja como temporários, seja como terceiros.

Com efeito, no Brasil, intermediadores no mercado de trabalho formam um segmento empresarial que cresce desde os anos 1990 com o aprofundamento da reestruturação das firmas, e que intensifica sua presença de maneira notável quando a economia aquece seus motores e amplia a oferta de vagas na segunda metade dos anos 2000. Vale dizer, quando a economia se reanima e as oportunidades de trabalho se ampliam, o emprego formal gerado através de intermediários cresce muito mais celeremente que o incremento no assalariamento direto, não importando o setor de atividade com o qual se compare tal crescimento.

Não é de admirar que, nesse sentido, o percentual o emprego gerado por intermediários, no Brasil, não diste muito do que se verifica em outros quadrantes, onde o setor já se apresenta consolidado. Estatísticas produzidas pela International Confederation of Private Employment Agencies (CIEET), em seus dois últimos relatórios referentes a

dados de 2008 e 2009 (respectivamente CIEET, 2010 e 2011), permitem situar o lugar de destaque que o Brasil no quadro internacional, dando a medida do peso do trabalho intermediado: o volume absoluto do emprego provido por intermediadores, o Brasil, tanto em 2008 quanto em 2009, só era ultrapassado pelos Estados Unidos, Japão, Reino Unido e África do Sul.

Na esteira do seu crescimento são fortes os indícios de que o contrato formal de trabalho, ao abarcar mais indivíduos, altera a modalidade do novo emprego que se provê, notadamente às mulheres e aos mais jovens. Se as novas formas de regulação do emprego, do que o trabalho intermediado é uma modalidade particularmente importante, não são a panacéia que os apologistas da desproteção do trabalho querem fazer crer (do que dão testemunho a persistente fragilidade do vínculo e instabilidade das trajetórias, similar ao que já se observava no mercado), tampouco são descartáveis os seus efeitos, seja como via de acesso ao trabalho registrado, seja como via de ingresso a empregos diretos nas empresas usuárias.

Mais ainda, a presença das firmas de intermediação de trabalho, a menos pelo que se pode observar no mais importante pólo de atividade produtiva do país, o Estado de São Paulo, denota a constituição de um padrão de relação entre empresas que vai muito além da mero agenciamento de empregados, que um dado intermediador recruta episodicamente para um contratante; ou da simples locadora de força de trabalho, que também episodicamente provê mão de obra em momentos chave da atividade da empresa usuária. Diríamos que essas foram formas de relação num passado recente (o dos anos 1980, por exemplo) e que tenderam a ser deixadas para trás.

O cenário até aqui descrito indica estarmos frente a um aglomerado produtivo fortemente integrado, no qual planejamento, recrutamento e alocação de trabalho são atividades que, conquanto crescentemente externalizadas, são desenvolvidas em estreita (e muitas vezes exclusiva) articulação entre o intermediador e o usuário que o contrata.

Bibliografia principal:

BENNER, Chris; LEETE, Laura; PASTOR, Manuel. *Staircases of tradmills. Labor market intermediaries and economic opportunity in a changing economy*. New York: Russell Sage Foundation, 2006.

BURGESS, J.; CONNELL, J. International aspects of temporary agency employment: an overview. In: BURGESS, J.; CONNELL, J. (Ed.) *International Perspectives in Temporary Work and Workers*. New York: Routledge, 2004. pp. 1-23.

CIEET – International Confederation of Private Employment Agencies (2011). *The Agency Industry around the World, Economic Report (based on figures available for 2009)* . Extraído em 25 de maio de 2011 em <http://www.cieet.org/index.php?id=163>

ECHEVERRÍA, M. Las empresas intermediarias en el mercado laboral. In: Ximena Díaz, Eugenia Hola (orgs.) *Trabajo, flexibilidad y género: tensiones de un proceso*. Centro de Estudios de la Mujer, Santiago, 2001. pp. 69-98.

FORDE, C. Temporary Arrangements: the Activities of Employment Agencies in the UK. *Work, Employment and Society*, 15 (3), 2001, pp. 631-644.

GRAY, A. Jobseekers and gatekeepers: the role of the private employment agency in the placement of the unemployed. *Work, Employment and Society*, 16 (4), 2002. pp.655-674.

GUIMARÃES, N. A. *À Procura de Trabalho: Instituições do Mercado e Redes*. Coleção Trabalho & Desigualdade (10). Belo Horizonte: ARGUMENTVM, 2009, 224 pp.

HARRISON, B.; KELLEY, M. Outsourcing and the Search for ‘Flexibility’. *Work, Employment and Society*, 7, 1993. pp. 213–35.

KALLEBERG, A. L. Nonstandard employment relations: part-time, temporary and contract work. *Annual Review of Sociology*, 26, 2000. pp. 341–365

KALLEBERG, A.; REYNOLDS, J.; MARSDEN, P. Externalizing employment: flexible staffing arrangements in US organizations. *Social Science Research*, 32 (4), Dec. 2003. pp. 525-552

KUNDA, G.; BARLEY, S.R.; EVANS, J. Why do contractors? The experience of highly skilled technical professionals in a contingent labor market. *Industrial and Labor Relations Review*, 55 (2), 2002. pp 234-261.

MANGUM, G.; MAYALL, D.; NELSON, K. The Temporary Help Industry: A Response to the Dual Internal Labor Market. *Industrial and Labor Relations Review*, 38 (4), 1985. pp. 599-611.

PECK, J.; THEODORE, N. O trabalho eventual: crescimento e reestruturação da indústria de empregos temporários em Chicago. *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo*, 5 (10), ALAST, São Paulo, 1999. pp. 135-160.

TILLY, C. *Half a Job*. Philadelphia: Temple University Press, 1976